

HISTÓRIAS DE VIDA E SÍMBOLO*

José Carlos Souza Araújo**

Memcriar o vivido por agentes pedagógicos no interior das instituições escolares de 1º e 2º graus, entre 1930 e 1971, na região do Triângulo Mineiro, é o que constitui a matéria-prima deste estudo. Seu objetivo será a elaboração de uma história filosófico-educacional com base nesses depoimentos.

Lembranças educacionais e pedagógicas de agentes pedagógicos constituem um inventário polissêmico sob quaisquer aspectos. Aliás, as expressões "educacionais" e "pedagógicas" delimitam a polissemia das lembranças. Todavia, pinçar eventos e ideais pedagógicos de um passado qualquer não significa somente recordar. Mais do que isso: fará muito sentido porque os eventos e os ideais pedagógicos traduzem um modo de ver, de sentir e de pensar o mundo humano. Um pouco de *nós* não é nosso; é dos *velhos* professores. Um pouco de *nós* pertence a eles, como um pouco deles nos pertence.

Esse passado vivido e herdado será reconstruído por quem *viveu* e *deixou* a herança. Não há documentos escritos por eles. Estes ainda vão e/ou estão a escrevê-los. Serão documentos vivos, escritos por quem ainda vive.

Cabe aos agentes pedagógicos interpretar o que experienciaram há

anos atrás. E a tarefa do pesquisador será elaborar uma interpretação sobre a interpretação. Há uma dupla tarefa hermenêutica a fim de revelar o sentido polissêmico dessas lembranças educacionais e pedagógicas. A vivência desses agentes constitui uma história. Ela é seu texto vivido. Cabe ao pesquisador ouvir esse texto vivido, coletar essa linguagem e transmudá-la em escrita.

Este modo de pesquisa supõe somente interlocutores, sujeitos. Não há objetos de pesquisa, pelo menos não se distinguem sujeito-pesquisador e sujeitos-pesquisados. O sujeito-pesquisador tem sua interlocução existencial calcada no pedagógico. Por conseguinte, trata-se de ouvir, talvez até reconquistar uma modalidade de discurso pedagógico. Em nome da crítica, da mudança e da inovação, desaprendemos a ouvir o sentido daquele discurso. Sua significação foi perdida: classificaram-no de ideológico, moralista, autoritário e quejandos.

As maneiras de sentir, de pensar e de agir dos membros da sociedade foram tipificados dicotomicamente: os que são ideólogos, e os que não o são; os que são moralistas, e os que se negam a isso; os autoritários e os que não se julgam assim. Ouvir o discurso pedagógico de uma geração de ex-pro-

* Este texto se enquadra num projeto de pesquisa em andamento sobre a memória educacional de Uberlândia - MG, sobre o qual há informações detalhadas em artigo publicado nesta mesma revista.

** Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

fessores sobre sua vida pedagógica permite a construção de um todo, social e coletivo, além de ser história de vida. Socializar significativamente esta modalidade de discurso pedagógico é a tarefa deste estudo.

Tal discurso é institucional, ideológico. Mas isso não nos impede de tratá-lo simbolicamente. Torná-lo-emos como discurso simbólico, ainda que tenha uma história. Ele é um modo de dizer hoje sobre o que se processou ontem. Assim, faremos uma abordagem histórico-simbólica. O mundo humano vivido pedagogicamente por ex-professores pode ser dito por eles com diversas formas de linguagem. O dizer deles é simbólico. Ele dá a pensar, isto é, o sentido é dado por eles. Basta fenomenalizá-lo.

No entanto, não basta dizer que seu discurso seja simbólico, polissêmico. A pesquisa é uma interlocução de sujeitos voltados para o pedagógico. Os sujeitos-pesquisados podem dar muito a pensar, desde que o sujeito-pesquisador esteja disposto a fenomenalizar, de um modo significativo e temático, os depoimentos. Não basta dizer que o discurso pedagógico dos ex-professores seja parafrástico, porque é institucional e autoritário. O pesquisador também pode ser parafrástico.

É claro que tal modalidade discursiva tem uma configuração, na medida que seus autores constroem um discurso a partir da interação que mantiveram no social. Porém, a configuração é relativizável, na medida em que já ocuparam um lugar social. Por isso, é um discurso mais livre, ou melhor, menos determinado pelas determinações

da interlocução, dentro ou fora das fronteiras institucionais. Seus interlocutores, os alunos, também já ocuparam um lugar social. Por isso é que as lembranças educacionais e pedagógicas têm possibilidade de ser lúdicas. Aliás, recordar o passado é lúdico, desde que os autores não tenham compromissos que impeçam a interlocução.

É necessário ainda salientar que os agentes pedagógicos são agentes simbólicos. O sentido de suas existências foi canalizado para o educacional. Enveredar pelas histórias de vida, canalizadas para o educacional, significa estar disposto à percepção do simbólico. Vidas tecidas pela educação, eis o desafio, porque a própria educação significa doação de sentido, de símbolos. Convidar educandos a verem o mundo de um modo diferente é simbolizar relações pedagógicas, porque humanas, e vice-versa. A prática pedagógica é um exercício simbólico: nada se esgota nos conteúdos e nos meios educacionais. Os objetivos, sim, traçam a dimensão simbólica dos educadores e da educação.

Portanto, os depoimentos de ex-agentes pedagógicos são uma linguagem a ser decifrada hermeneuticamente. Os depoimentos são fenômenos. Muitas facetas serão percebidas, porém há um condicionante a destacar: a interpretação dos *velhos* professores estará condicionada pelo modo como percebem a educação hoje. Nem tudo, por conseguinte, é recordação.

O discurso em questão não é científico. Pode vir a sê-lo: esta é a pretensão deste estudo. Todavia, é um

discurso de sujeitos letrados, com condições de dizer e interpretar o que viveram, provavelmente até com um certo distanciamento e consciência.

O discurso pedagógico em apreço é uma linguagem, e é nela "... que o homem exprime e se exprime, fenomenalizando sua experiência existencial mais profunda"¹. Privilegiar os depoimentos, as histórias de vida, é atentar propriamente para a existência humana de sujeitos que manifestaram o sentido de suas existências no interior de instituições que sempre trataram de oferecer subsídios para compreender o sentido da própria existência humana.

A linguagem faz parte do universo simbólico. Ela, entre outros (mito, arte, religião, etc), é um dos fios que tecem a rede simbólica, o que acaba se confundindo com a própria experiência humana.

Por conseguinte, o discurso é um evento sobre o que se realizou temporalmente. É neste sentido que citamos Paul Ricoeur: "o evento . . . é a vinda

à linguagem de um mundo mediante o discurso"². O discurso se efetua como evento, e é compreendido como significação (sentido). O evento se esvai, mas a significação fica. A relação entre o discurso como evento e como significação nos coloca diante da constituição da hermenêutica.

Esta será a tarefa do pesquisador. Os discursos científico e/ou filosófico nem sempre liberaram o sentido da linguagem, o que comprometeu a dimensão simbólica da educação e da existência humana.

Mas a possibilidade de desenvolver uma interação simbólica, porque interdisciplinar, entre algumas ciências, nos anima. A interferência da Sociologia, da História, da Antropologia Cultural no desenvolvimento dessa nova frente de estudos (histórias de vida) é muito significativa. Parece que é possível enveredar por caminhos menos fragmentados do que as ciências têm construído.

1. REZENDE, Antonio Muniz de. Educação e ser no mundo: projeto de uma fenomenologia da educação. Campinas, UNICAMP/Fac. de Educação, 1978, p. 85.

2. RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, p. 46.